

“Ele age como se nem estivesse em casa”: pandemia piora desigualdades entre homens e mulheres

[\(RFI, 18/05/2020 - acesse no site de origem\)](#)

A crise do coronavírus evidenciou as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho: com empregos mais precários, elas ficaram mais desempregadas que os homens desde março, conforme indica um estudo da OCDE publicado na quarta-feira (13). Além disso, a pandemia levou para dentro do lar milhões de trabalhadores nos países atingidos - e, uma vez em casa, acentuou os desequilíbrios na realização de tarefas domésticas entre o casal.

“Ele age como se não estivesse em casa. É frustrante saber que o seu marido está disponível e você não pode contar com ele nem para acompanhar a sua filha para a soneca”, lamenta a francesa Isabelle F., que largou o emprego desde que o primeiro dos dois filhos do casal veio ao mundo, há 8 anos. Na prática, a quarentena imposta na França desde o dia 15 de março resultou em “muito mais trabalho” para ela, já que os filhos estão impedidos de ir à escola e as bocas para alimentar no almoço se multiplicaram por quatro.

Já o marido, que trabalha com avaliação de riscos em obras, aproveitou a ocasião “para ligar para os amigos e ficar no escritório fazendo coisas dele”, relata a mulher. O detalhe é que o companheiro não está em trabalho remoto: graças ao pacote emergencial de medidas disponibilizado pelo governo francês, ele pôde ficar em casa sem perder nem o emprego, nem o salário.

O tempo livre, porém, não se traduziu em mais colaboração nas tarefas domésticas, segundo Isabelle. “Ele se irrita quando as crianças fazem barulho. Já brigamos várias vezes e então ele me ajuda por uma ou duas horas, mas depois se fecha no escritório de novo”, conta a francesa.

“A carga doméstica das mulheres explodiu com o confinamento, principalmente porque são elas que cuidam das refeições e também elas que acabam responsáveis por organizar as tarefas escolares dos filhos, quando o casal os têm”, constata a economista Rachel Silvera, especialista em desigualdades de gênero no mercado de trabalho. A pesquisadora-adjunta da Universidade Sorbonne Paris Descartes destaca um estudo da Ugigt-CGT que mostrou que, desde a quarentena, 47% das mulheres com filhos que realizam trabalho remoto tiveram um aumento de quatro horas diárias nas tarefas domésticas e familiares, que se somam às 2h30 que elas já realizavam.

O importante dele é mais importante que o dela

Na casa da brasileira Beatriz, a quarentena também se transformou em trabalho redobrado. O marido francês, que ocupa um cargo de direção em uma empresa, dedica alguns momentos da manhã para fazer deveres com o filho do casal, de 6 anos. Porém, no resto do dia, é tudo com Beatriz - que, como o marido, está em teletrabalho desde que a pandemia se espalhou.

“Faço reunião preparando o almoço e ainda coloco a roupa para lavar. Já ele, faz as reuniões dele sempre no quarto, porque ‘a reunião dele é mais importante’. Só que a importância, na verdade, é para os dois”, frisa a funcionária de uma grande seguradora internacional, onde também ocupa um cargo de responsabilidade.

“Pelas 18h, dou banho no nosso filho e preparo o jantar respondendo a e-mails. Muitas vezes, tive que continuar trabalhando até quase meia-noite, porque não consegui tempo para acabar o que tinha para fazer durante o dia”, diz a manager, que também faz as compras no supermercado e reserva as manhãs de sábado para a limpeza.

As desigualdades persistem independentemente do grau de escolarização e o nível social, apontam as pesquisas. Um estudo do Instituto Europeu pela Igualdade de Gêneros (EIGE) indicou que, em 2019, 43,4% das mulheres com baixa qualificação dedicavam pelo menos uma hora do dia para cuidar dos filhos, contra 25,6% dos homens. Entre os casais em que ambos são

altamente diplomados, o índice passava para 51,8% e 28,7%, respectivamente.

“Na semana que vem, é aniversário do nosso filho. Você acha que o meu marido já pensou no que vamos fazer? Não, ele sabe que eu vou organizar a festinha, apesar de estar tão cheia de coisas para fazer quanto ele”, ironiza Beatriz.

Mulheres mais afetadas pelo desemprego

Na quarta-feira, um relatório da OCDE mostrou que o impacto devastador da pandemia no mercado de trabalho é ainda mais marcante para elas. Em março, 2,1 milhões de pessoas engrossaram as estatísticas do desemprego nos países membros da organização, uma alta que foi maior entre as populações feminina e jovem. A taxa de desemprego das mulheres passou de 5,3% para 5,8%, enquanto a dos homens cresceu de 5% para 5,3%.

Uma das explicações é que, em três quartos dos casos, [o salário de mulher é inferior ao do marido](#) – o que leva muitos casais a decidirem que, se alguém deve parar de trabalhar, será o que ganha menos. Outra razão é que os empregos das mulheres costumam ser mais precários e menos valorizados. Paradoxalmente, o trabalho de enfermeira – majoritariamente feminino e tão essencial nestes tempos de pandemia – é um dos menos bem pagos.

“Todas as noites, a gente aplaude ‘os profissionais dos hospitais’, no masculino. Mas sabemos muito bem que a maioria das pessoas que se escondem por trás das máscaras são mulheres”, afirma Silvera, codiretora do Grupo de Estudos Mercado de Trabalho e Gênero (Mage). “Esse problema se inicia na desvalorização de diplomas de serviços, tirados em geral por mulheres, que são menos reconhecidos que os técnicos, preferidos pelos homens. [Teoricamente, ambos são de nível igual de qualificação e deveriam resultar em salários iguais, mas na prática as profissões ditas masculinas são melhor remuneradas.](#)”

Setor de serviços é pouco valorizado

Atendentes, vendedoras, cabeleireiras, garçonetes, trabalhadoras no setor de

turismo: apenas alguns exemplos de serviços atingidos em cheio pela crise do coronavírus, e cujos postos são ocupados majoritariamente por mulheres. “A OIT (Organização Internacional do Trabalho) prevê que essa crise vai acabar com 200 milhões de empregos no mundo e a maioria serão mulheres, que ainda ocupam muitos postos informais, precários ou em meio turno”, ressalta a pesquisadora Rachel Silvera.

A carioca Alexandra Correa, 39 anos, vive na França graças aos trabalhos pontuais de limpeza ou como babá. Com a pandemia, de um dia para o outro, se encontrou sem trabalho, nem renda. “A minha sorte é que eu não tenho ninguém para sustentar, não tenho dívidas e pude fazer uma reserva financeira em fevereiro, quando trabalhei bastante. Numa situação como essa, fica bem claro que os menos favorecidos são os que sofrem primeiro”, constata a brasileira.

Agora que a França relaxou as medidas de quarentena, Alexandra voltou a trabalhar, mas o ritmo ainda está bastante inferior ao que ela estava acostumada. “Sempre fiz muito baby sitting à noite, para casais que saíam para jantar. Não se sabe quando os restaurantes vão reabrir”, observa. “Estou economizando tudo que eu posso para conseguir sobreviver aqui.”

Por Lúcia Müzell